

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Centro de Ciências Administrativas

Curso de Turismo

Disciplina: Turismo e Cultura Popular

Professora: Lourdes Macena

Alunos:

- Carlos Rômulo
- Diego Carvalho Conrado
- Francisco Ary Oliveira Barbosa Júnior

Fortaleza, 2003.

VIRGULINO FERREIRA DA SILVA

Em 7 de julho de 1897, em Vila Bela (atual Serra Talhada) no sertão de Pernambuco, nascia Virgulino Ferreira da Silva.

Virgulino se ocupava do pastoreio e segundo consta, os 12 anos tornou-se vaqueiro hábil. Cuidava também de consertar e fabricar artefatos de couros: cabrestos, arreios, selas e toda a vestimenta de vaqueiro nordestino.

Relatos de contemporâneos da família Ferreira, colhidos por pesquisadores confirmam Virgulino teve uma infância igual á de todos os outros garotos da região. Se divertia brincando de cangaceiro-e-polícia (atual mocinho-e-bandido- ou polícia-e-ladrão) e gostava de ouvir histórias sobre o cangaço.

Quando cresceu, passou a participar dos divertimentos dos adultos. Nas vaquejadas, ficou famoso por ser um bom cavaleiro. Também tocava sanfona, um dos instrumentos mais característicos da música popular do sertão nordestino.

Com a personalidade profundamente marcada pela cultura da região em que se criou, Virgulino era orgulhoso, valente e atento às questões de honra e de família, sempre da maneira arrebatada e violenta com que elas se colocam ainda hoje no interior do Nordeste: qualquer ofensa, mesmo pequena, exige revide imediato, frequentemente sangrento.

Magro, pernas finas e cambaleantes, cego de um olho, Virgulino Lampião era uma pessoa exótica e errante pelo sertão nordestino. Apesar do nome esdrúxulo, poucos se atreviam a debochar dele.

A partir de problemas familiares envolvendo brigas de terras, ele foi modificando seu comportamento. A impunidade ia fazendo com que ele próprio tomasse atitudes arrebatadoras, haja visto que os “coronéis” da época tendiam a dar razão somente aqueles, os quais fizessem parte de seus grupos partidários.

O CANGAÇO: REALIDADE E MITO

De 1917 a 1938, esse movimento aterrorizou regiões dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Para compreender o fenômeno, o homem e a época, é preciso saber a respeito daqueles dias, conhecer bem a região e a sociedade onde os fatos se passaram.

Havia os donos de terras e os trabalhadores que eram seus subordinados. Os grandes proprietários mandavam e os outros obedeciam. Os pobres levavam uma vida muito dura, já que não dispunham de recursos para enfrentar a catástrofe periódica da seca. Viviam a beira da miséria, o que ajuda a explicar os frequentes atos de rebelião e as práticas de fanatismo religioso.

Durante o período de colonização, os chefes de grandes famílias, nobres e fidalgos, recebiam da Coroa Portuguesa terras no Brasil e por cá vinham decididos a conquistar o solo do sertão. Usavam bandos de homens para defender seus familiares e seus bens dos ataques dos índios. Essas disputas pela posse de terras tomavam muitas vezes a forma de brigas entre famílias. Eram rixas que se prolongavam por dezenas de anos e envolviam filhos e netos. Nessas disputas, quase sempre corria sangue e a vingança criava círculos viciosos de violência.

Com esses grupos armados – às vezes mais de cem homens- os poderosos senhores nordestinos faziam valer sua vontade quando sentiam seus interesses ameaçados por grupos rivais e não hesitavam em resolver a disputa em confrontos a bala.

O banditismo é descendente dos jagunços e dos capangas dos grandes fazendeiros e está diretamente ligado à tradição do coronelismo, disputa pela posse de terra, vingança por questões de honra e a família.

Relaciona-se ainda como o próprio isolamento do sertão nordestino em relação ao restante do país.

Os cangaceiros eram odiados e temidos por muitos, mas também conquistaram o respeito e a admiração de grande parte dos sertanejos de sua época. Tornaram-se por exemplo personagens e heróis de uma rica tradição de poesia popular do Nordeste: a literatura de Cordel. Os cordelistas costumavam atribuir aos cangaceiros qualidades sobrenaturais, como a proteção de Deus ou dos Santos ou coragem invencível em combater com o diabo.

Em princípios do século XX, alguns desses antigos bandos ainda prestavam serviços aos coronéis, mantendo porém em relação a eles, uma posição independente. Quer dizer, não serviam aos permanentemente a este ou aquele coronel. Serviam ora a um ora a outro, além de agir muitas vezes por conta da própria, sem obedecer as ordens de ninguém. Para sobreviver, quando não estavam a serviço de algum coronel, atacavam as populações indefesas dos arraiais, das vilas e das pequenas cidades, roubando, saqueando e extorquindo dinheiro mediante ameaças.

Esses bandidos independentes receberam o nome de cangaceiros. A palavra se origina de canga, o conjunto de arreios que amarram o boi ao carro. É provável que esse nome tenha surgido porque os bandoleiros usavam as espingardas a tiracolo ou com as correias cruzadas no peito, lembrando a canga do boi.

Os bandos não tinham moradia fixa. Peregrinavam pelo sertão, a pé ou a cavalo, prestando um serviço a um chefe político aqui, saqueando uma cidade vizinha ali, vivendo da violência e da coragem. Inspiravam admiração e medo no povo.

De Silvino a Corisco, um nome teve particular destaque e se transformou numa espécie de lenda no Nordeste e em todo o Brasil: Lampião.

A TRANSFORMAÇÃO EM LAMPIÃO

Foram questões de honra e família que o conduziram aos primeiros crimes.

Segundo a família Ferreira, um morador da fazenda vizinha á sua, de propriedade de José Saturnino, teria invadido suas terras e se apropriado de algumas cabeças de seu gado. Virgulino e Levino deram queixa á polícia e foram com um soldado á casa do acusado. Saturnino tomou a questão como um insulto pessoal. Acusou os Ferreira do mesmo crime e os expulsos de suas terras. A confusão estava armada.

Em dezembro de 1916, Virgulino e Levino entraram nos campos do vizinho e foram expulsos pelos vaqueiros de Saturnino. Mas voltaram, no dia seguinte, armados. Não houve como evitar o tiroteio, que acabou com seu irmão Antônio ferido na coxa.

José Ferreira, o pai, um homem pacato, procurou os coronéis mais importantes da região para que atuassem como juízes da disputa. A decisão favoreceu Saturnino, que tinha mais prestígio entre os poderosos do lugar. Os Ferreira foram obrigados a vender a fazenda e mudar-se para outra que compraram, próximas à Vila de Nazaré, não muito longe da Vila Bela. Saturnino comprometeu-se a ficar longe do lugar. Fez-se a trégua, mas, alguns meses mais tarde, Saturnino descumpriu o trato. Seguiram-se novos tiroteios entre grupos de Saturninos e Ferreira.

A partir daí, os filhos de José Ferreira passaram a andar sempre armados, já usando as vestimentas características dos cangaceiros: chapéu de abas largas, roupas de couro muito enfeitadas, sandálias, punhais e armas de fogo na cintura e, a tiracolo, um anel em cada mão e dois cintos de balas cruzados. Essa atitude desrespeitava um costume amplamente aceito no sertão: as pessoas tinham de andar desarmadas nas ruas e praças dos vilarejos e cidades. Os Ferreiras passaram a ser malvistas e hostilizadas.

A caatinga desabitada ou as fazendas de parentes e amigos era o refúgio costumeiro de quem cometera um crime.

Virgulino levava a vida de refugiado fora-da-lei; com um grupo de homens, tinha decidido se vingar das afrontas à família, atacando localidades onde se encontravam seus inimigos. Nessa época, ele já era conhecido como Lampião. Conta-se que, num tiroteio noturno contra a polícia, ele deu tantos tiros seguidos que o cano de sua espingarda iluminou a noite, como se fosse a luz de um lampião. Daí lhe veio o apelido.

No pensamento dos camponeses pobres, Lampião era uma mistura de herói, vingador, esperança e pavor. Transformou-se num mito.

Lampião teve um grande amor na sua vida. Sua companheira Maria Bonita estava sempre ao seu lado. Depois de separar-se do primeiro marido, apaixonou-se por Lampião e entrou no cangaço.

Segundo Vera Ferreira, sua neta, Maria Bonita e Lampião “são figuras que ela não consegue dissociar um do outro, embora a história dele seja mais densa e concreta do que a dela, que entrou por um amor, e foi este sentimento que ligou um ao outro”. Ela era jovem, entrou no cangaço em 1930, com 19 anos, e morreu em 1938, era uma garota. Dizem que ela era uma pessoa do gênero muito difícil- branda, brincalhona, mas geniosa. Era doce, mas temperamental.

Estudou com Lampião, pois ele tinha uma conduta progressista. Conseguiu se alfabetizar e exigia que todo o bando também soubesse ler e escrever. Lia jornais, gostava de se informar.

ATAQUES

Em 18 de maio de 1921, José Ferreira, o pai de Lampião, foi morto pelo chefe de polícia de Água Branca, Amarito Batista, com sua tropa. Isso aconteceu por vingança a um ataque ousado à Vila de Pariconhas (Alagoas), onde o delegado foi surrado e amarrado a um poste. Foram roubados 18 contos de réis pelo bando de Lampião.

Depois da morte do pai, Virgulino e seus irmãos entraram definitivamente para o cangaço, tinham formado um bando.

Além das táticas de combate e o despistamento, aprendeu a relacionar-se com fazendeiros e chefes políticos. Aprendeu ainda os tipos de crimes que lhe garantiram a sobrevivência, sem passar as necessidades dos agricultores pobres da região: saquear vilas, fazendas e pequenas cidades, extorquir dinheiro mediante ameaça de ataque e pilhagem, ou sequestrar pessoas importantes e influentes para depois exigir resgate.

Alguns atos de inegável coragem serviram para consolida-lo e transformar Virgulino num líder.

O nome de Lampião e seus seguidores ganhavam manchete dos jornais. O cangaço deixava de ser um problema sertanejo localizado, para se tornar estadual.

Os políticos não estavam preparados para dar combate aos grupos por se concentrarem em grandes cidades, por falta de recursos ou porque os bandidos contavam com poderosos padrinhos entre os grandes fazendeiros e chefes políticos.

Despistar a polícia era uma arma para os cangaceiros. Além de fazerem rastros falsos, costumavam enterrar todos os companheiros mortos para ninguém ficar sabendo as baixas que lhe causavam um ataque.

Conta-se, por exemplo, que quando seu irmão Levino morreu num tiroteio, com a polícia em Paraíba, em julho de 1925, o próprio Lampião lhe cortou a cabeça: o corpo poderia ser encontrado, mas ninguém saberia de quem era. Assim, essa perda do bando seria mantida em segredo.

Em 1928, na Bahia, Lampião procurou descanso, não receava perseguições, num lugar onde não havia cometido nenhum crime. Nos primeiros lugares em que esteve, promoveu festas e distribuiu presentes e dinheiro. Mas esse período durou pouco. De lá, costumava refugiar-se também em Sergipe, onde contava com a proteção de poderosos chefes políticos.

As mulheres que o acompanhavam, eram separadas, a exceção de Maria Bonita, sua mulher. Como disse Vera Ferreira, sua neta:

“Quando o grupo adentrava um povoado, havia uma visão; quando se percebia a presença das mulheres, o grupo já não era tão temido. Era como se a presença das mulheres transmitisse segurança e confiança às pessoas, talvez porque as pessoas imaginassem que fosse mais fácil lidar com as mulheres pela sensibilidade e serenidade.”

Mas, na madrugada de 28 de julho de 1938, vários soldados pegaram o bando de surpresa e daí seguiu-se uma cena de selvageria, num combate que não durou mais que vinte minutos: os cadáveres foram degolados e os armamentos, jóias, ouro e dinheiro; pilhados e repartidos entre os homens que os mataram. Levadas para Salvador, as cabeças de Lampião, Maria Bonita e outros cangaceiros ficaram expostas por quase trinta anos no Museu Nina Rodrigues.

Em 1968, foram sepultados.